

►Fernando Henrique defende criação do Proer

Colônia (Alemanha) - O presidente Fernando Henrique defendeu ontem em Colônia, na Alemanha, a criação e execução do Programa de Apoio ao Fortalecimento e Reestruturação do Sistema Financeiro Nacional (Proer), durante o primeiro mandato, e apelou para que as investigações da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Sistema Financeiro não coloquem o programa sob suspeita. "O que eu acho é que não convém tornar um assunto desta magnitude uma coisa suspeita", afirmou o Presidente aos jornalistas. Não há suspeita nenhuma", acrescentou, frisando, entretanto, que "é até bom dar" mais esclarecimentos sobre o programa, caso a CPI exija.

O Presidente destacou que o Proer se tornou um modelo mundial de programa de socorro a instituições financeiras. "O Proer hoje é gabado no mundo todo e não vejo nada de errado nele. Ao contrário, hoje está-se pedindo que os outros países façam o que o Brasil fez", afirmou o Presidente.

Ele voltou a defender o progra-

ma, durante palestra para empresários alemães, e o qualificou como um dos "principais ativos" que o Brasil teve para superar a crise financeira que abalou a economia a partir de janeiro. "No começo foi muito difícil explicar o Proer para a população, que era preciso pôr dinheiro em bancos", lembrou. "Nós não ajudamos os banqueiros, mas salvamos a saúde do sistema financeiro", disse Fernando Henrique.

O Presidente voltou a pedir que a CPI do Sistema Financeiro investigue o caso do banco Marka. "Esse é um outro assunto", afirmou Fernando Henrique. "Se a CPI quiser saber mais sobre isso, eu acho bom", emendou.

Ontem, depois de confirmar e desmentir várias versões para a história, o Banco Central finalmente chegou a um diagnóstico preciso da remessa de dólares ao exterior feita pelo ex-banqueiro Salvatore Alberto Cacciola, dono do Banco Marka: depois da desvalorização do real, já com o Marka quebrado, Cacciola remeteu US\$ 13 milhões para as Bahamas. Por

meio da assessoria de imprensa, a Diretoria de Fiscalização do banco admitiu que as remessas foram feitas entre os dias 14 e 18 de janeiro, quando os fiscais do BC já estavam acompanhando a auto-liquidação do Marka.

O dinheiro mandado às Bahamas ainda não foi repatriado, ao contrário do que o BC disse quarta-feira. Segundo o diretor de Fiscalização, Luiz Carlos Alvarez, o capital seria usado para honrar contratos do Marka no exterior. "Foi o próprio Salvatore Cacciola que nos contou isso, verbalmente", desculpou-se Alvarez. Para retirar o dinheiro do Brasil, Cacciola valeu-se de mecanismos totalmente legais. Primeiro abriu uma instituição financeira no exterior, o Marka Bank, sediado nas Bahamas. Depositou dinheiro nessa nova empresa e, de lá, aplicou num fundo de investimentos chamado Inovation Fund, também sediado nas Bahamas.

MAIS FERNANDO HENRIQUE NA PÁGINA 8